PRIMEIRA PARTE
UMA CABEÇA SEM MUNDO

O PASSEIO

– Que fazes aqui, pequeno?

– Nada.

– Então, porque estás parado?

– Porque...

– Sabes ler?

– Sei, sim, senhor.

– Quantos anos tens?

– Nove, já feitos.

– Que preferias: um chocolate ou um livro?

– Um livro.

– De verdade? Magnífico. É então por isso que estás aqui?

– Sim, senhor.

– Porque não mo disseste antes?

– O meu pai ralha-me.

– Ah... Como se chama o teu pai?

– Franz Metzger.

– Gostarias de viajar até outro país?

– Sim, senhor. Até à Índia. Há lá muitos tigres.

– E aonde querias ir mais?

– À China. Tem uma muralha enorme.

– Gostarias de escalá-la?

– É demasiado larga e alta. Ninguém pode escalá-la. Foi por isso que a construíram.

— Sabes bastantes coisas. Vê-se que tens lido muito.

— Sim, estou sempre a ler. O meu pai tira-me os livros. Gostava de frequentar uma escola chinesa. É preciso aprender quarenta mil letras. Todas juntas não cabem num livro.

— Isso é o que tu julgas.

— Contei-as.

— De qualquer maneira, não está certo isso. Deixa lá os livros da montra. Não há lá um único que seja bom. Tenho aqui na pasta uma coisa melhor. Espera aí que já ta mostro. Sabes que escrita é esta?

— Chinesa! Chinesa!

— És aquilo a que se chama um rapazinho esperto. Já tinhas visto algum livro chinês?

— Não, mas adivinhei.

— Estes dois caracteres significam Meng-Tse, o filósofo Meng. Foi um grande homem na China. Viveu há 2250 anos e as suas obras continuam a ser lidas. Recordar-te-ás disto?

— Sim, senhor. Agora tenho de ir para a escola.

— Ah! Com que então olhas para as montras das livrarias quando vais para a escola? Como te chamas?

— Franz Metzger. Como o meu pai.

— Onde moras?

— Na Ehrlichstrasse, 24.

— Eu também vivo aí. Não me lembro de te ter visto.

— O senhor desvia sempre os olhos quando se encontra com alguém na escada. Eu conheço-o há muito tempo. O senhor é o professor Kien, mas não dá aulas. A minha mãe diz que o senhor não é um professor de verdade. Mas eu julgo que é, porque tem uma biblioteca. Ninguém é capaz de imaginar o que isso é, disse a Maria. É a nossa criada. Quando for grande, hei-de ter uma biblioteca. Com todos os livros e em todas as línguas e um em chinês também. Agora tenho de ir a correr.

— Quem escreveu este livro? Recordas-te?

— Meng-Tse, o filósofo Meng. Há exactamente 2250 anos.

— Muito bem. Podes ir um dia à minha biblioteca. Diz à minha governanta que te dei autorização. Mostrar-te-ei postais da Índia e da China.

— Que bom! Lá irei! Claro que irei! Pode ser esta tarde?

— Não, não, pequeno. Tenho de trabalhar. Só daqui a uma semana.

O professor Peter Kien, homem alto e magro, erudito especializado em sinologia, meteu o livro chinês na pasta, já cheia, que transportava debaixo do braço, fechou-a com todo o cuidado e seguiu com os olhos o inteligente rapazito até vê-lo desaparecer. Maldisposto e taciturno por natureza, não demorou muito a censurar-se por aquela conversa iniciada sem qualquer motivo.

Durante os seus passeios matinais, entre as sete e as oito horas, costumava dar uma vista de olhos às montras das livrarias por onde passava, constatando, quase com satisfação, que a literatura pornográfica e de cordel ia ganhando cada vez mais terreno. Ele próprio possuía a biblioteca particular mais importante daquela grande cidade. Transportava sempre consigo uma pequeníssima parte dela. A sua paixão por ela, a única que se permitira a si mesmo ao longo de uma vida austera e consagrada ao estudo, obrigava-o a adoptar certas medidas de precaução. Os livros, incluindo os maus, induziam-no com facilidade a fazer uma compra. No entanto, por sorte, a maior parte das livrarias só abria depois das oito horas. Às vezes, um ou outro aprendiz, desejoso de atrair as atenções do chefe, aparecia mais cedo, esperava pelo primeiro empregado e, com um gesto solene, tirava-lhe a chave da mão: — Estou aqui desde as sete! — exclamava, ou então: — Não pude entrar! — Tanto zelo contagiava facilmente um indivíduo como Kien, que fazia esforços para não o seguir loja adentro. Entre os proprietários dos estabelecimentos mais modestos, não faltavam alguns madrugadores que, desde as sete e meia, se afadigavam lá dentro com a porta aberta. Desafiando essas tentações, Kien tamborilava orgulhosamente na sua volumosa pasta. Levava-a bem agarrada a si, de uma forma muito pessoal, para a pôr intimamente em contacto com o seu corpo. As suas costelas sentiam-na através da roupa, já coçada e de fraca qualidade. O braço repousava na concavidade lateral, moldando-se perfeitamente a ela. O antebraço servia-lhe de apoio desde baixo. Os dedos, esticados, acariciavam em todos os sentidos a cobiçada superfície. Ele próprio justificava os seus cuidados extremos com o valor do conteúdo. Se, por casualidade, a pasta caísse no chão,

ou se o fecho, que ele examinava todas as manhãs antes de sair de casa, se abrisse exactamente naquele momento crítico, os seus livros preciosos poderiam ficar estragados. E não havia nada que ele odiasse tanto como os livros sujos.

Naquele dia, encontrando-se em frente de uma montra ao regressar a casa, um pequenito interpusera-se de repente entre ele e os vidros. Kien interpretou esse gesto como uma impertinência, dado que havia espaço mais que suficiente. Ele parava sempre a um metro de distância da montra, facto que não o impedia de ler todos os títulos visíveis. Os seus olhos funcionavam na perfeição: pormenor muito significativo num homem de quarenta anos que passava todo o dia entre livros e manuscritos. Todas as manhãs eles lhe confirmavam a sua boa forma. Ao distanciar-se assim daqueles livros venais, de simples divulgação, votava-lhes o seu desprezo, tanto mais merecido quanto os comparava com as obras densas e complexas da sua biblioteca. O rapazinho era baixito, Kien de uma altura excepcional: podia olhar facilmente por cima da cabeça dele. No entanto, teria preferido que houvesse mais respeito. Antes de lhe censurar o seu comportamento, deu uns passos de lado para o observar. O rapazito olhava fixamente para os títulos dos livros e mexia os lábios com lentidão e em voz baixa. Os seus olhos iam deslizando de volume para volume, sem pararem. De dois em dois minutos, deitava uma vista de olhos por cima do ombro. No outro lado da rua, na fachada de uma relojoaria estava suspenso um grande relógio. Faltavam vinte para as oito. Tudo dava a entender que o pequenito receava esquecer-se de qualquer coisa importante. Não reparou no senhor que se encontrava atrás dele. Talvez estivesse a fazer exercícios de leitura ou a memorizar títulos aos quais dedicava uma atenção idêntica. Notava-se perfeitamente aqueles que atraíam os seus olhares.

Kien sentiu pena. O rapazito estava a corromper o seu espírito delicado e talvez ávido de leituras com aquela infame literatura de cordel. Anos mais tarde, talvez viesse a ler mais do que um livro infecto apenas por se ter familiarizado com o título desde criança. Como limitar a receptividade dos primeiros anos? Quando uma criança aprende a caminhar e a soletrar, fica à mercê tanto do pavimento de uma rua mal asfaltada como da mercadoria de qualquer pobre

desgraçado que — o diabo lá saberá porquê — se dedicou a vender livros. As crianças deviam crescer dentro de grandes bibliotecas particulares. O contacto diário e exclusivo com espíritos sérios, um ambiente intelectual, sombrio e aprazível e um tenaz esforço de adaptação à ordem mais rigorosa, tanto no tempo como no espaço, que melhor forma de ajudar esses seres delicados na sua juventude? Contudo, o único homem que, nessa cidade, possuía uma biblioteca digna de consideração era o próprio Kien. E ele não podia adoptar filhos. O seu trabalho não lhe permitia distracções. As crianças fazem barulho e é preciso que as pessoas se ocupem delas. Para tratar delas necessita-se de uma mulher. Uma simples governanta tem como tarefa cozinhar. Para as crianças é necessário arranjar-lhes uma mãe. Se as mães se limitassem a ser apenas mães! Contudo, nenhuma se contenta com o seu verdadeiro papel. A especialidade de todas é ser *mulher* e exigir coisas que um honrado erudito não poderia satisfazer nem em sonhos. Kien tinha renunciado ao casamento. Até então, as mulheres tinham-lhe sido indiferentes; e continuavam a sê-lo. O pequenito de olhar fixo e cabeça movediça tinha, portanto, todas as probabilidades de perder. Por compaixão, falara com ele, contrariando os seus hábitos. Gostosamente, teria redimido os seus escrúpulos pedagógicos com um chocolate, mas comprovara que há rapazinhos de nove anos que preferem um livro a um chocolate. O que tinha sucedido aumentara imediatamente a sua surpresa. O pequenito interessava-se pela China. Lia contra a vontade do pai. Os rumores sobre as dificuldades da escrita chinesa animavam-no em vez de intimidá-lo. Reconhecera os caracteres logo à primeira vista sem nunca os ter visto e passara com toda a distinção uma prova de inteligência. Além disso, negara-se a tocar no livro que lhe tinha sido mostrado. Talvez se envergonhasse dos seus dedos sujos. Kien olhara-os: estavam limpos. Outro rapazito teria pegado no livro, mesmo que tivesse as mãos sujas. Ele tinha pressa; a escola abria às oito, contudo deixara-se ficar ali até ao último minuto. Aceitara o convite com a avidez de um esfomeado; sem dúvida que o pai devia torturá-lo muito. Teria preferido ir lá essa mesma tarde, às horas de trabalho. Afinal de contas, viviam ambos no mesmo prédio.

Kien perdoou a si mesmo aquela conversa. A excepção que se tinha permitido pareceu-lhe válida e justificável. Mentalmente, saudou no rapazito, que já desaparecera da sua vista, um futuro sinólogo. A quem interessava aquela disciplina tão recôndita? Os rapazes jogam à bola; os adultos apenas pensam em lucros e reservam os seus tempos livres para o amor. Para dormir oito horas e para mandriar outras oito, consagravam o resto do tempo a um trabalho odioso. Tinham endeusado não apenas o ventre, mas também o corpo todo. O Deus celestial dos chineses era mais digno e severo. Mesmo que o pequenito não fosse lá na próxima semana — coisa bastante improvável —, tinha na cabeça um nome nada fácil de esquecer: o do filósofo Meng. Há impulsos fortuitos e inesperados que podem orientar uma vida inteira.

Sorrindo, Kien prosseguiu o caminho de regresso a casa. Raramente sorria. Poucas vezes existiu alguém que tivesse desejado tanto ter uma biblioteca como ele. Aos nove anos sonhava vir a ter uma livraria. No entanto, a ideia de andar de um lado para o outro como proprietário parecia-lhe um sacrilégio. Um livreiro é um rei, mas um rei não é um livreiro. Ainda era muito pequeno para procurar um emprego, dizia a si próprio. E os paquetes estão sempre a ser mandados fazer recados. Que proveito tiraria dos livros pelo simples facto de levá-los debaixo do braço, embrulhados? Procurou uma solução durante muito tempo. Um dia não voltou para casa depois da escola. Dirigiu-se para a livraria mais importante da cidade — seis escaparates cheios de volumes — e começou a chorar aos gritos. — Preciso de aliviar-me depressa, tenho medo! — berrou. Indicaram-lhe onde era a casa de banho. Arranjou-se devidamente. Quando saiu de lá, agradeceu e perguntou se podia ser-lhes útil. A sua expressão de alegria radiante provocou a hilaridade daquela gente. Pensar que momentos antes tinha ficado contraído por aquele pânico absurdo! Quiseram fazê-lo falar: sabia muitíssimo de livros. Para a idade que tinha, pareceu-lhes inteligente. À tarde mandaram-no fazer a entrega de um pesado embrulho de livros. Foi e regressou de carro eléctrico. Tinha poupado dinheiro suficiente para pagar o bilhete. Quando já estavam a fechar as portas do estabelecimento, era quase noite, informou que tinha entregado o embrulho e pôs o recibo em cima do balcão. Alguém lhe deu, como recompensa,

um caramelo de limão. Enquanto os empregados se arranjavam para sair, ele deslizou furtivamente até à casa de banho, aquele lugar tão seguro, e encerrou-se lá dentro. Ninguém deu conta do facto. Todos estavam a pensar, sem dúvida, no resto da tarde livre. Lá metido, ficou à espera um grande espaço de tempo. Só ao fim de algumas horas, já a noite ia muito adiantada, se atreveu a sair. O estabelecimento estava às escuras. Procurou o interruptor às apalpadelas. Não tinha pensado naquilo durante o dia. Quando deu com ele e o teve entre os dedos, sentiu medo de acender a luz. Alguém podia vê-lo da rua e levá-lo para casa.

Os seus olhos acostumaram-se à obscuridade. Contudo, não podia ler e isso fê-lo ficar muito triste. Foi tirando das prateleiras um volume após outro, folheava-os e até conseguiu decifrar alguns títulos. Mais tarde subiu a um escadote. Queria saber se os livros lá de cima ocultavam algum segredo. Caiu e disse em voz alta: «Não me magoei!» O piso era duro. Os livros eram macios. Numa livraria uma pessoa cai em cima de livros. Podia ter feito uma torre com eles, no entanto a desordem parecia-lhe uma coisa ordinária e, antes de tirar um novo da prateleira, guardava o outro no seu lugar. Doíam-lhe as costas. Talvez fosse apenas o cansaço. Em casa estaria a dormir já há muito. Ali era impossível, a tensão mantinha-o desperto. Contudo, os seus olhos já nem sequer distinguiam os títulos maiores e isso irritava-o. Calculou quantos anos poderia passar ali a ler, sem sair uma única vez à rua nem ir àquela estúpida escola. Porque não ficar ali para sempre? Podia poupar para comprar uma cama pequena. A mãe devia estar assustada. Ele também, mas apenas um pouco, devido ao silêncio que havia. Os candeeiros de gás apagaram-se na rua. As sombras invadiram todos os recantos. Existiam, portanto, os fantasmas. Chegavam de noite, todos a voar, acocoravam-se sobre os livros e liam. Não precisavam de luz com aqueles olhos tão grandes! Não se atreveu a tocar em nenhum outro livro das prateleiras superiores. Nem mesmo das de baixo. Ficou todo encolhido debaixo do balcão; os dentes batiam-lhe como castanholas. Dez mil livros e, sobre cada um, um fantasma acocorado. Por isso estava tudo tão silencioso. Às vezes ouvia-os virar as páginas. Liam com tanta rapidez como ele. Ter-se-ia acostumado

com a presença deles, mas eram dez mil e algum podia mordê-lo. Os fantasmas aborrecem-se quando alguém lhes toca; crêem que uma pessoa está a divertir-se à custa deles. O rapazinho enrolou-se todo e eles revoluteavam por cima dele. A manhã só chegou depois de muitas noites. Adormeceu. Quando os empregados abriram a porta, não os ouviu. Encontraram-no debaixo do balcão e abanaram-no até o despertarem. A princípio, fingiu que continuava a dormir, mas depressa começou a chorar aos gritos. Na véspera tinha ficado lá fechado, disse, e afligia-se por causa da mãe que, certamente, andava à sua procura por toda a parte. O proprietário interrogou-o e, logo que soube como se chamava, mandou um empregado levá-lo a casa para que apresentasse desculpas à senhora: o menino tinha ficado fechado por descuido, mas estava são e salvo. Ficava às suas ordens. A mãe acreditou nele e ficou satisfeita. Agora, o pequeno mentiroso de outrora possuía uma biblioteca extraordinária e um nome não menos famoso.

Kien detestava a mentira. Desde a sua meninice tinha-se mantido fiel à verdade. Não se recordava de qualquer mentira, exceptuando aquela pela qual, de resto, se censurava. Apenas a conversa com o rapazito — seu vivo retrato nessa idade — lha tinha feito evocar. «Basta por agora», pensou, «são quase oito horas». Às oito em ponto começava o seu trabalho, o seu labor ao serviço da verdade. Ciência e verdade eram para ele conceitos idênticos. Uma pessoa aproxima-se da verdade quando se afasta dos homens. A vida quotidiana é uma teia superficial de mentiras. Cada transeunte era um mentiroso. Por isso, nem sequer os olhava. Quem, entre os péssimos actores que integravam a massa, tinha um rosto capaz de o interessar? Mudavam de cara a cada momento; não representavam o mesmo papel o dia inteiro. Desde sempre o soubera, a experiência era, neste caso, supérflua. *Ele*, ao invés, ambicionava perseverar tenazmente na sua própria essência. Não apenas um mês, nem apenas um ano: toda a sua vida permaneceria igual a si mesmo. O carácter, quando alguém o possui, determina também o aspecto físico. Recordava-se de ter sido sempre um homem alto e magro. Apenas conhecia a sua cara fugazmente, por vê-la reflectida nos vidros das montras das livrarias.

Em casa não tinha um único espelho; não sobrava espaço entre tantos livros. Contudo, sabia que era magro, severo e ossudo; isso bastava-lhe.

Como não tinha qualquer desejo de observar quem quer que fosse, mantinha os olhos baixos ou olhava por cima das pessoas. Adivinhava com exactidão onde havia livrarias. O seu instinto nunca falhava. Nesses casos, guiava-o a mesma força que guia os cavalos de regresso ao estábulo. Saía a passear a fim de respirar o ar de outros livros; estes provocavam o seu desacordo ou reanimavam-no um pouco. Na biblioteca, tudo se passava no melhor dos mundos. Entre as sete e as oito horas da manhã concedia a si próprio uma daquelas liberdades que parecem constituir toda a vida dos outros.

Ainda que desfrutasse ao máximo dessa hora, procedia com regularidade. Vacilou um pouco antes de atravessar uma rua concorrida. Gostava de manter o mesmo passo e, para não se dar pressa, aguardou um momento favorável. Imediatamente ouviu que alguém gritava em altos brados para outra pessoa: — Pode dizer-me onde fica a Mutstrasse? — O interpelado não respondeu. Kien surpreendeu-se ao verificar que, em plena rua, havia homens tão silenciosos como ele. Apurou o ouvido sem levantar os olhos. Como reagiria o interpelante ante aquele mutismo? — Queira desculpar, senhor, mas quer fazer o favor de me dizer onde fica a Mutstrasse? — A pergunta foi formulada num tom mais delicado, mas não teve melhor sorte. O outro não respondeu. — Julgo que não me ouviu. Queria pedir-lhe uma informação. O senhor seria tão amável que me pudesse indicar como se vai para a Rua Mutstrasse? — Kien sentiu esporeada a sua sede de conhecimentos — a curiosidade era para ele um sentimento estranho — e decidiu observar o taciturno que continuara a persistir no seu mutismo. O homem estaria ensimesmado, sem a mínima dúvida, e queria evitar qualquer interrupção. Desta vez também não pronunciou palavra. Kien louvou-o. Um, entre milhares, que resiste aos caprichos da sorte. — Oiça, o senhor é surdo? — gritou o primeiro. Agora sim, o segundo vai responder, pensou Kien, que começava a perder um pouco de complacência pelo seu protegido. Quem domina a sua língua quando o insultam? Voltou-se para a rua: era o momento ideal para atravessar. Cheio de estranheza ante o persistente silêncio, deteve-se. O segundo continuou mudo.

Era previsível uma explosão mais violenta da sua ira. Kien aguardava uma discussão. Se o segundo reagisse como um indivíduo qualquer, Kien veria confirmada, indubitavelmente, a opinião que tinha de si mesmo: ele era o único homem de carácter que passeava por ali. Perguntou a si próprio se devia dar uma vista de olhos. O incidente desenrolava-se à sua direita. Contudo, o primeiro indivíduo explodiu: — O senhor é um malcriado! É um saloio! Fiz-lhe uma pergunta de uma maneira delicada! Quem julga que é, o grosseirão? Será que é mudo? — O segundo continuava em silêncio. — Tem de me dar uma satisfação! Importa-me lá bem onde fica a Mutstrasse! Qualquer pessoa pode dizer-me onde fica! Mas o senhor tem de me pedir desculpa! Está a ouvir? — O outro não ouvia. No entanto, começou a ganhar a estima do expectante Kien. — Vou entregá-lo à polícia! Sabe com quem está a falar, seu esqueleto ambulante? E é dessa maneira que pretende passar por um cavalheiro! Onde arranjou o que leva vestido? Na Feira da Ladra! Tem todo o aspecto disso! Que leva aí debaixo do braço? Eu já lhe digo... O melhor é ir-se matar! O senhor sabe o que é?

De repente, Kien recebeu um encontrão violento. Alguém lhe agarrou na pasta como se quisesse arrancar-lha. Com um puxão que ultrapassava amplamente as suas forças normais, libertou repentinamente os livros das garras do ladrão e voltou-se para a direita. Ainda que dirigido para a pasta, o seu olhar caiu num homenzinho gordo que o cobria de impropérios: — Um patego! Um patego! Um patego! — O segundo, o mudo, o homem de carácter que dominava a sua língua apesar da cólera, era o próprio Kien. Com toda a calma, voltou as costas ao gesticulador analfabeto, cortando ao meio a sua tagarelice com aquele gesto afiado como uma lâmina. Um desgraçado gordo, cuja amabilidade se convertera em insolência em poucos instantes, não poderia ofendê-lo. Em todo o caso, atravessou a rua com uma rapidez maior do que a prevista: quando se transporta livros, não é conveniente chegar a vias de facto. E ele sempre levava livros consigo.

A verdade, definitivamente, é que ninguém é obrigado a ouvir as palavras estúpidas de qualquer transeunte. Perder-se em discussões é o maior perigo que pode ameaçar um sábio. Mais do que oralmente, Kien preferia exprimir-se por escrito. Dominava mais de uma dúzia de

línguas orientais e tinha-se familiarizado com muitas das ocidentais. Nenhuma literatura lhe era estranha. Pensava por meio de citações e escrevia em parágrafos cuidadosamente meditados. Numerosos textos deviam-lhe a sua reconstituição definitiva. Quando deparava com qualquer passagem deteriorada ou alterada em antigos manuscritos chineses, hindus ou japoneses, ocorriam-lhe centenas de interpretações possíveis. Muitos críticos invejavam-no por isso; ele tinha de se defender do excesso de ideias. Com uma lentidão exasperante e um rigor extremo para consigo próprio, sopesava as alternativas cautelosamente e com toda a meticulosidade durante meses e somente se decidia por alguma letra, palavra ou frase completa se estava absolutamente certo de que era inatacável. Os ensaios que até então publicara — escassos em número, mas autênticos pontos de partida para muitos outros — tinham-lhe granjeado a reputação de primeiro sinólogo do seu tempo. Os seus colegas conheciam-nos de fio a pavio e quase de cor. Uma vez escritas, as suas frases tornavam-se decisivas e concludentes. Nos casos controversos, todos se dirigiam a ele, a autoridade suprema mesmo em campos tangencialmente relacionados com a sua especialidade. A poucas pessoas dava a honra de escrever. Contudo, a pessoa eleita recebia, numa única carta, estímulos suficientes para dedicar-se durante anos a um trabalho cujos frutos se consideravam válidos à partida, graças à personalidade do avalizador. Ele próprio não visitava quem quer que fosse e recusava todos os convites. Quando alguma cátedra de filologia oriental ficava vaga, era-lhe oferecida em primeiro lugar. Contudo, Kien declinava o convite com uma amabilidade desdenhosa.

Confessava não ter nascido para orador. Qualquer retribuição pelo seu trabalho torná-lo-ia menos gratificante. Na sua modesta opinião, aqueles divulgadores improdutivos aos quais se confiava a educação nas escolas secundárias deveriam ocupar as cátedras universitárias a fim de que os investigadores natos, os autenticamente criativos, pudessem consagrar-se exclusivamente ao seu trabalho. Os cérebros medíocres não escasseavam, costumava dizer. Os cursos que ele poderia dirigir ver-se-iam, de uma maneira geral, muito pouco frequentados, em virtude de ele ser tão exigente com os seus alunos. Nos exames,

era previsível que nenhum dos candidatos ficasse aprovado. E a tendência dele seria para não deixar passar os estudantes mais jovens e imaturos até que, feitos já os trinta anos, tivessem adquirido — quer por aborrecimento, quer porque começassem a trabalhar seriamente — certos conhecimentos, por mínimos que fossem. O simples facto de se permitir o acesso às aulas da Faculdade a pessoas cuja memória não tivesse sido cuidadosamente examinada parecia-lhe impugnável e mesmo inútil. Dez estudantes, seleccionados através de vários exames de grande dificuldade, renderiam sem dúvida muito mais ficando isolados do que misturando-se com cem daqueles estúpidos bebedores de cerveja que costumam formar as populações universitárias. Por isso mesmo, pedia ao Reitor para não insistir numa oferta que, ainda que o não honrasse, pretendia ser honorífica.

Nos congressos, onde as pessoas costumam ser muito loquazes, Kien era uma personalidade extremamente debatida. Os senhores eruditos, que passavam a maior parte das suas vidas como toupeiras silenciosas, tímidos e míopes, saíam das suas luras uma vez de dois em dois anos para darem as boas-vindas uns aos outros, para juntarem as cabeças mais heterogéneas, cochichando entre si sem dizerem nada, e para brindarem ignobilmente nos banquetes. Com a emoção mais profunda e a alegria mais intensa, mantinham bem alto as suas bandeiras e defendiam a honra do seu estandarte, fazendo incessantes votos em todos os idiomas. E tê-los-iam cumprido mesmo que a isso se não comprometessem verbalmente. Durante os intervalos faziam apostas. Desta vez, Kien honrá-los-ia com a sua presença? Falava-se mais dele do que de qualquer outro colega famoso: o seu comportamento excitava a curiosidade. O facto de nunca ter explorado a sua fama; de ter passado mais de dez anos a rejeitar tenazmente convites e banquetes nos quais, apesar da sua juventude, lhe teriam sido prestadas todas as honras; de em cada congresso ter anunciado um importante discurso cujo manuscrito era lido sem demora por outra pessoa em sua representação, tudo aquilo era interpretado pelos seus colegas como simples adiamento. Um dia — talvez nessa mesma ocasião — apresentar-se-ia repentinamente, aceitaria com dignidade alguns aplausos que o seu retiro prolongado contribuiria para reforçar

e far-se-ia eleger, por aclamação, presidente da assembleia, cargo que lhe correspondia e que, mesmo estando ausente, se arrogava à sua maneira. Contudo, os senhores equivocavam-se. Kien não aparecia e o partido dos crédulos perdia a aposta.

Kien desculpava-se no último momento. Enviava os seus manuscritos a algum privilegiado, fazendo-os acompanhar de comentários irónicos. Sobrava-lhes tempo para trabalharem com um programa de diversões tão recheado — coisa que, por respeito ao bem-estar geral, ele não desejava de forma alguma —, pedia-lhes que submetessem ao congresso aquela coisa sem importância, fruto de dois anos de trabalho. Para tais momentos, costumava reservar conclusões novas e surpreendentes no seu campo de investigação. Com um receio atento seguia de longe os efeitos e as discussões que elas provocavam como que para verificar a sua exactidão textual. A assembleia tolerava o seu sarcasmo. Entre cem participantes, oitenta defendiam o seu ditame. O seu rendimento era impagável. Todos lhe desejavam uma longa vida. A sua morte teria aterrorizado a maioria.

Os poucos que o haviam conhecido nos anos da sua juventude tinham perdido a recordação do seu rosto. Várias vezes lhe tinham pedido por escrito a sua fotografia: não ficara com uma que fosse, respondia, e também não pensava tirar outras. As duas coisas eram verdadeiras. No entanto, uma vez aceitou espontaneamente fazer uma concessão de outro género: aos trinta anos, e sem ter redigido qualquer testamento, legou o seu crânio, juntamente com o conteúdo, a um Instituto de Investigações Frenológicas. Justificou esta decisão alegando a importância de provar que a sua memória, realmente prodigiosa, era devida a uma estrutura especial ou, talvez, a um maior peso do cérebro. Não era que acreditasse, escrevera ele ao director do Instituto, que génio e memória fossem idênticos como se costumava pensar de há uns tempos a esta parte. Ele próprio nada tinha de génio. Contudo, seria anticientífico negar a utilidade, para os seus trabalhos de investigação, da memória quase aterrorizante que possuía. De uma certa forma, transportava na cabeça uma segunda biblioteca, tão sortida e de confiança como a verdadeira que, segundo se dizia, era objecto de comentários permanentes. Sentado em frente

da sua secretária, podia redigir ensaios nos quais abordava mesmo pormenores íntimos consultando unicamente a sua bibliocabeça. Depois verificava, evidentemente, citações e referências em livros reais, ainda que apenas para aquietar os seus escrúpulos. Não se recordava de um único caso em que a memória o tivesse atraiçoado. Até mesmo os seus sonhos tinham contornos mais nítidos e precisos do que os da maioria das pessoas. Nenhuma visão nebulosa, informe ou incolor havia deslizado até então nos sonhos que tivera. No seu caso, a noite não alterava nunca qualquer ordem: os ruídos que ouvia tinham uma origem normal, as conversas que mantinha eram perfeitamente razoáveis, tudo conservava o seu sentido. Não lhe competia a ele investigar se a suposta relação entre a exactidão da sua memória e a inequívoca claridade dos seus sonhos existia realmente. Limitava-se a verificar esses factos com toda a humildade e pedia que esses dados pessoais que se permitia registar naquela carta não fossem considerados como um sintoma de presunção ou de tagarelice.

Kien evocou outros acontecimentos da sua vida que lançavam luz sobre o seu temperamento retraído, taciturno e desprovido de qualquer vaidade. No entanto, a sua irritação, provocada por aquele insolente que primeiramente lhe tinha perguntado onde era uma rua e imediatamente a seguir o insultara, aumentava a cada passo. «Não tenho outro remédio», disse para si mesmo, metendo-se num portal. Lançou uma vista de olhos à sua volta — ninguém o observava — e tirou da algibeira uma agenda comprida e estreita. Na capa lia-se, escrita em letras altas e angulosas, a palavra IDIOTICES. O seu olhar deteve-se por momentos no título. Imediatamente passou umas quantas folhas: mais de metade da agenda estava escrita. Nela ia apontando tudo quanto queria esquecer. Começava com a data, a hora e o lugar, a que se seguia o relato do incidente destinado a ilustrar a estupidez humana com um novo exemplo. Uma citação apropriada, sempre nova, servia de conclusão. Nunca lia a sua colecção de idiotices: uma vista de olhos à capa bastava-lhe. Pensava editá-la anos mais tarde sob o título: *Passeios de um Sinólogo*.

Tirou do bolso um lápis bem afiado e escreveu na primeira página em branco: «23 de Setembro, 07h45. Na Mutstrasse, um homem

abordou-me perguntando-me onde ficava a Mutstrasse. Para não o envergonhar, mantive-me silencioso. Ele, sem se perturbar, repetiu a pergunta várias vezes; o seu comportamento era delicado. De repente, os seus olhos recaíram sobre a tabuleta com o nome da rua e deu-se conta da sua estupidez. Em vez de se afastar a toda a pressa, como eu teria feito no lugar dele, deixou-se arrastar por uma cólera desmesurada e insultou-me da forma mais grosseira. Se me tivesse mostrado menos indulgente, ter-me-ia poupado a mim mesmo essa cena tão penosa. Qual de nós dois foi o mais estúpido?»

Com esta última frase demonstrou que não se amedrontava nem mesmo consigo próprio. Era implacável com toda a gente. Satisfeito, guardou a agenda na algibeira e esqueceu-se do homem. Enquanto escrevia, os seus livros tinham deslizado na pasta até ficarem numa posição incómoda: voltou a arrumá-los. Na esquina seguinte, retrocedeu ao deparar com um lobo-da-alsácia. Rápido e seguro, o animal ia abrindo caminho enquanto guiava um cego agarrado à extremidade da sua tensa trela. Quem não tivesse visto o cão, poderia reconhecer a deficiência do seu dono pela bengala branca que levava na mão direita. Até mesmo os transeuntes mais apressados, que não tinham tempo para o cego, lançavam ao cão um olhar de admiração. Este, com o focinho, ia-os afastando pacientemente para o lado. Como era forte e bonito, fitavam-no com olhos benevolentes. De repente, o cego tirou a boina que tinha posta e, juntamente com a bengala, estendeu-a aos transeuntes. — Para a comida do cão! — implorou. Choveram as moedas. No meio da rua, as pessoas amontoaram-se em volta dos dois. O tráfego ficou paralisado; por sorte, naquela esquina não havia qualquer polícia que estivesse a dirigi-lo. Kien observou o mendigo de perto. Estava vestido com uma estudada pobreza e, a julgar pela sua cara, parecia uma pessoa culta. Como não cessava de mexer os músculos em volta dos olhos — pestanejava, erguia as sobrancelhas, franzia o sobrolho —, Kien deixou de confiar nele e decidiu considerá-lo um impostor. Nesse momento apareceu um rapazito de uns doze anos que empurrou violentamente o cão e atirou para dentro da boina um pesado botão. O cego cravou nele o seu olhar fixo, agradecendo-lhe num tom ligeiramente mais delicado. Ao cair, o botão tilintara

como uma moeda de ouro. Kien sentiu uma pontada no coração. Agarrou o rapazito pelas guedelhas e, como ia carregado, deu-lhe uma pancada na cabeça com a pasta. — Devias ter vergonha! — exclamou. — Enganar um cego! — Depois da pancada, recordou-se do que transportava na pasta: livros! Estremeceu, nunca tinha feito um sacrifício tão grande. O rapazito escapuliu-se aos guinchos. Para regressar ao plano habitual e muito mais profundo da compaixão, Kien esvaziou o porta-moedas na boina do cego. Os circunstantes manifestaram a sua aprovação em voz alta. A ele, a sua nova acção pareceu-lhe mais cautelosa e mesquinha que a anterior. O cão voltou a puxar pela trela. Ao fim de algum tempo, quando apareceu um polícia, o cego e o seu guia já tinham retomado a sua marcha.

Kien jurou acabar com a vida se um dia fosse ameaçado pela cegueira. Sempre que via um cego, era avassalado pelo mesmo sentimento de angústia. Gostava dos mudos; os surdos, os paralíticos e outros deficientes eram-lhe indiferentes. Os cegos inquietavam-no: não compreendia como não punham fim às suas vidas. Mesmo que dominassem a escrita Braille, as suas possibilidades de leitura eram muito limitadas. Eratóstenes, o grande bibliotecário de Alexandria, um sábio universal que viveu no século III a. C. e chegou a dispor de mais de meio milhão de pergaminhos, fez uma descoberta terrível aos oitenta anos: os seus olhos começaram a negar-lhe os seus serviços. Se bem que ainda visse, era incapaz de ler. Outra pessoa teria esperado pela cegueira total. Ele pensara que viver afastado dos livros era o mesmo que estar cego. Os seus amigos e discípulos suplicaram-lhe que não os abandonasse. Ele sorriu sabiamente, agradeceu e deixou-se morrer de inanição em poucos dias.

Se chegasse a hora, o pequeno Kien, cuja biblioteca apenas albergava vinte e cinco mil volumes, saberia imitar facilmente o grande exemplo.

A ritmo acelerado percorreu o caminho que ainda o separava de sua casa. Certamente que já eram oito horas. Às oito começava o seu trabalho. A falta de pontualidade causava-lhe náuseas. De vez em quando apalpava furtivamente os olhos: focavam as coisas correctamente e pareciam sentir-se cómodos e seguros.

A sua biblioteca localizava-se no quarto e último andar do prédio situado na Ehrlichstrasse, 24. A porta de entrada do apartamento encontrava-se protegida por três fechaduras complicadas. Abriu-as, atravessou o vestíbulo, no qual havia apenas um cabide, e entrou no seu escritório. Arrumou com todo o cuidado a pasta em cima de um cadeirão. Logo em seguida deu duas voltas pelos quatro compartimentos altos e espaçosos que formavam a sua biblioteca. Todas as paredes estavam cobertas por livros até ao tecto. Percorreu-os lentamente com o olhar de baixo para cima. No tecto havia várias clarabóias: sentia-se orgulhoso com esta iluminação zenital. As janelas laterais tinham sido tapadas há alguns anos, após uma árdua luta com o senhorio. Desta forma, tinha ganho uma quarta parede em cada compartimento: espaço para arrumar novos livros. Além disso, uma luz zenital que iluminasse por igual todas as prateleiras pareceu-lhe mais justa e adequada à sua relação com os livros. A tentação de observar o que se passa na rua — um mau costume que faz perder tempo e com o qual, segundo parece, viemos ao mundo — desapareceu juntamente com as janelas laterais. Todos os dias, antes de se sentar a escrever, abençoava aquela ideia e as suas consequências às quais devia a realização do seu desejo mais ambicioso: possuir uma biblioteca bem recheada, ordenada e hermeticamente protegida, na qual nenhum móvel nem pessoa supérfluos poderiam distraí-lo das suas sérias lucubrações.

A primeira divisão servia-lhe de escritório. Uma secretária velha e enorme, com um cadeirão em frente e outro no canto oposto, constituíam todo o mobiliário. Havia também um divã bastante estreito que Kien preferia ignorar porque apenas lhe servia de cama. Da parede pendia uma escada corrediça: era mais importante que o divã e ia de um compartimento para o outro no decurso do dia. Nem uma única cadeira alterava o vazio das três restantes salas. Não havia mesa, armário ou aquecimento que quebrasse a monotonia heterogénea das prateleiras. As belas e espessas carpetes que cobriam todo o pavimento aqueciam a austera penumbra que, através das portas sempre abertas de par em par, fundia os quatro compartimentos num único salão de grandes proporções.

Kien deslocava-se com passo firme e enérgico. Pisava as carpetes com uma ênfase particular, satisfeito por os seus pesados passos não despertarem o menor eco. Na sua biblioteca, nem um elefante teria feito barulho a caminhar. Por isso adorava as carpetes. Verificou se os livros continuavam na mesma ordem em que os deixara uma hora antes. Logo a seguir começou a esvaziar a pasta. Ao chegar, costumava deixá-la em cima do cadeirão que se encontrava em frente da secretária. Senão, corria o risco de esquecê-la e começar a trabalhar antes de tê-la esvaziado, visto que às oito a sua necessidade de trabalhar era premente. Com a ajuda da escada, foi colocando os livros nos seus respectivos lugares. Apesar das suas precauções, o último (como já tinha chegado a ele, deu-se mais pressa do que habitualmente) caiu ao chão do alto da terceira prateleira, à qual nem sequer necessitava de escada para lá chegar. Era aquele famoso Meng-Tse que ele amava acima de todos. — Imbecil! — gritou a si mesmo. — Selvagem! Analfabeto! — Apanhou-o delicadamente e dirigiu-se para a porta em passos rápidos. No entanto, antes de ali chegar, recordou-se de qualquer coisa importante. Deu meia-volta e, evitando fazer o mais pequeno ruído, empurrou a escada pendente da parede em frente até ao lugar do acidente. Com as duas mãos, depositou o Meng-Tse sobre a carpete, aos pés da escada. Agora já podia ir até à porta. Abriu-a e gritou para o corredor:

— O melhor dos seus panos de pó, se faz favor!

Pouco depois, a governanta bateu à porta, que se encontrava apenas encostada. Assomou discretamente a cabeça pela abertura e perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Dê-me isso.

Na sua resposta, a mulher descortinou uma queixa involuntária. Era demasiado curiosa para dar-se por satisfeita. — Mas oiça, professor! — pronunciou em tom de censura, entrou e compreendeu imediatamente o que tinha acontecido. Deslizou até onde se encontrava o livro. Os seus pés não se viam debaixo da saia azul engomada que chegava até à carpete. Tinha a cabeça inclinada. As suas orelhas eram grandes, lisas e proeminentes. Como a direita lhe roçava no ombro e ficava parcialmente oculta por ele, a esquerda parecia um pouco maior.

Balançava a cabeça enquanto falava e caminhava, e os seus ombros movimentavam-se ao mesmo ritmo. Agachou-se, pegou no livro e limpou-o com o pano pelo menos uma dúzia de vezes. Kien não tentou adiantar-se-lhe. Detestava as amabilidades. Ficou junto dela, observando se fazia o seu trabalho com seriedade.

— Oiça lá, são coisas que acontecem quando se está no cimo da escada.

E entregou-lhe o livro, reluzente como um prato. Com que vontade teria iniciado um diálogo! Contudo, não teve êxito. Kien limitou-se a dizer-lhe «obrigado» e voltou-lhe as costas. Ela compreendeu e optou por retirar-se. Já com a mão na prateleira, ele voltou-se bruscamente e perguntou com fingida amabilidade:

— Já lhe aconteceu algumas vezes, não é verdade?

Adivinhou-lhe o pensamento e ficou realmente indignada: — Oiça lá, professor!... — O «oiça» atravessou como uma espinha a sua linguagem oleaginosa. «Ainda acaba por se despedir», pensou ele, e explicou-lhe em tom conciliador:

— Era para dizer alguma coisa. A senhora bem sabe os tesouros que há nesta biblioteca!

Ela não esperava uma frase tão amável. Não soube que responder e saiu da sala, toda satisfeita. Depois da sua saída, ele censurou-se a si mesmo: falava dos seus livros como o mais imundo dos bufarinheiros. No entanto, em que termos se devia ensinar uma pessoa assim a tratar com livros? Incapaz de compreender o seu valor real, deve ter imaginado que ele especulava com a sua biblioteca. Que gente! Que gente!

Depois de uma vénia involuntária, destinada aos manuscritos japoneses da prateleira superior, sentou-se finalmente em frente da secretária.

O SEGREDO

Oito anos antes, Kien pusera o seguinte anúncio no jornal:

«Erudito com biblioteca de dimensões excepcionais procura governanta responsável. Só devem apresentar-se pessoas com muito carácter. Gentalha será atirada pela escada abaixo. Questão de ordenado é secundária.»

Teresa Krumbholz tinha nessa altura um bom emprego, no qual sempre se encontrara a seu gosto. Todos os dias, antes de preparar o pequeno-almoço dos patrões, lia a página toda dos anúncios do jornal para saber o que se passava no mundo. Não estava disposta a acabar a sua vida junto daquela família vulgar.

Ainda era uma mulher nova, quarenta e oito anos por fazer, e teria preferido trabalhar para um cavalheiro só. Um homem sozinho permite uma melhor organização em tudo: com as mulheres não há forma de uma pessoa se entender. No entanto, não pensava deixar assim sem mais nem menos um emprego seguro. Continuaria nele enquanto não soubesse com quem ia tratar. Conhecia as mentiras que os jornais publicam e as montanhas de ouro que são prometidas às mulheres sérias. Contudo, mal uma pessoa põe o pé dentro de tais casas, violam-na logo. Há já trinta e três anos que anda sozinha pelo mundo e isso nunca lhe aconteceu. E não lhe acontecerá: sabe defender-se muito bem.

Desta vez, o anúncio atraiu poderosamente a sua atenção. Deteve-se nas palavras «Questão de ordenado é secundária» e releu várias vezes, começando pelo fim, as frases impressas em grandes caracteres.

O tom impressionou-a: aquele era um homem. Agradava-lhe apresentar-se como pessoa de muito carácter. Viu a gentalha voar pelas escadas abaixo, alegrando-se sinceramente com a sua sorte. Em nenhum momento receou que a tratassem mal.

Na manhã seguinte, apresentou-se logo de manhã — perto das sete — em casa de Kien, que a mandou entrar no vestíbulo e declarou imediatamente:

— Proibi a mim mesmo receber gente estranha em minha casa. A senhora está em condições de encarregar-se da biblioteca?

Examinou-a com um olhar penetrante e receoso. Não queria formar uma opinião sobre ela antes de ouvir a sua resposta.

— Mas, oiça lá, por quem me toma?

Desconcertada pela brusquidão dele, deu-lhe uma resposta à qual ele nada encontrou para objectar.

— Será bom que saiba — advertiu ele — a razão por que despedi a minha última governanta. Desapareceu um livro da minha biblioteca. Mandei-a procurá-lo por toda a casa, mas não voltou a aparecer. Vi-me obrigado a despedi-la imediatamente. — Indignado, manteve-se silencioso por uns momentos. — Espero que compreenda — acrescentou, por fim, como se tivesse exigido demasiado da inteligência dela.

— Tem de haver ordem — replicou ela de imediato. Tinha-o desarmado. Com um gesto solene, convidou-a a passar para a biblioteca. Ela avançou discretamente até ao primeiro compartimento e ficou à espera.

— A sua zona de actividade — informou ele em tom seco e grave. — É preciso limpar todos os dias uma divisão de cima a baixo. No quarto dia terá acabado. Ao quinto voltará a começar pela primeira. Poderá fazer esse trabalho?

— Uma sua criada.

Kien voltou-se para sair, abriu a porta da escada e disse-lhe:

— Até logo. Começará hoje mesmo.

Já na escada, ela continuou a duvidar. Não lhe tinha dito nada sobre o ordenado. Antes de se despedir do emprego, tinha de lho perguntar. Não, era melhor não. Poderia deitar tudo a perder. Se ela não dissesse nada, talvez ele próprio lhe oferecesse mais de uma maneira

espontânea. Sobre as duas forças que lutavam dentro de si, a cautela e a ambição, prevaleceu uma terceira: a curiosidade.

— Bom, e qual é o meu ordenado? — Atrapalhada pela estupidez que talvez estivesse a cometer, esqueceu-se de acrescentar um «oiça lá» à sua pergunta.

— O que a senhora quiser — respondeu ele com indiferença, e fechou a porta.

Para espanto dos seus antigos patrões, que confiavam plenamente nela — o facto de estar há mais de doze anos na casa tornara-a como um móvel velho e já integrado no conjunto —, comunicou-lhes que não aguentava mais aquele ritmo de vida e preferia ganhar o seu pão na rua. Não houve argumento capaz de a dissuadir. Ir-se-ia imediatamente embora, disse-lhes; quando uma pessoa esteve doze anos numa casa, bem pode perdoar-se-lhe o aviso de despedimento. A honesta família aproveitou a oportunidade para descontar-lhe no ordenado até ao dia vinte. Negaram-se a pagar-lho todo, argumentando que a mulher não respeitava os prazos legais. Teresa pensou: «Ele vai pagar-mo.» E foi-se embora.

Cumpria os seus deveres para com os livros com inteira satisfação de Kien, o qual lhe exprimia silenciosamente o seu agradecimento. Elogiá-la pessoal e abertamente parecia-lhe desnecessário. A comida estava sempre pronta às horas devidas. Não sabia se ela cozinhava bem ou mal: era-lhe completamente indiferente. Durante as refeições, que ele comia no seu escritório, invadiam-no pensamentos importantes. Geralmente era incapaz de dizer o que acabava de levar à boca. Reservemos a consciência para as ideias importantes que se alimentam dela: é-lhes indispensável. Sem consciência são inconcebíveis. Mastigar e digerir, pelo contrário, são funções autónomas.

Teresa respeitava de uma certa maneira o trabalho de Kien, pois este pagava-lhe regularmente um salário elevado e não era amável com ninguém. Com ela também nunca falava. Desde criança, a governanta sentira sempre um profundo desprezo pela gente sociável como a sua mãe. Era muito meticulosa no seu trabalho e tudo quanto tinha fora adquirido com o seu esforço. No entanto, um enigma intrigou-a desde o princípio e esse facto agradava-lhe.

Às seis em ponto da manhã, o professor levantava-se do seu sofá-cama. Vestir-se e lavar-se era questão de pouco tempo. Para a noite, antes de se deitar, ela arranjava-lhe o divã e empurrava a mesita-lavatório, que tinha rodas, até ao centro do escritório. Podia ficar ali toda a noite. Um biombo com quatro bastidores, pintado por fora com caracteres estranhos, encontrava-se instalado de tal forma que lhe poupava o lamentável espectáculo. Kien não podia suportar os móveis. Inventara o lavatório com rodas —, como ele próprio lhe chamava, para que o repugnante artefacto desaparecesse mais depressa da sua vista mal ele se tivesse servido dele. Às seis e um quarto abria a porta e empurrava com força o lavatório rolante: o impulso fazia-o rodar pelo corredor até embater violentamente contra a parede, junto à porta da cozinha. Teresa esperava-o ali; o seu quartito era contíguo. Abria a porta e gritava-lhe: — Levantado? — Contudo, ele não respondia e voltava a fechar-se por dentro. Depois ficava em casa até às sete. O que fazia ele naquele intervalo de tempo? Mistério! O resto do tempo passava-o sentado à sua secretária, a trabalhar.

A enorme secretária, escura e pesada, estava cheia até cima de manuscritos e, ainda por cima, carregada de livros. Se alguém mexesse, ainda que com as máximas cautelas, em qualquer das suas gavetas, ela deixava escapar um silvo agudo. Se bem que detestasse os ruídos, Kien conservou esse dispositivo no velho móvel de família para que a governanta, quando ele não se encontrasse em casa, fosse imediatamente alertada contra possíveis ladrões. Na verdade, esses indivíduos estranhos costumam procurar dinheiro antes de deitarem a mão aos livros. Explicou a Teresa o mecanismo da valiosa secretária em três frases breves mas exaustivas, acrescentando, em tom importante, que nem sequer a ele era possível desligar o silvo. Durante o dia, ela ouvia-o sempre que ele procurava um manuscrito. Estranhava-lhe a paciência para aquele ruído. À noite, Kien guardava todos os seus papéis e o monstro permanecia mudo até às oito horas da manhã. Ao fazer a limpeza, não encontrava mais nada que não fossem livros e papéis amarelados em cima da secretária: em vão procurava novas folhas de papel com a letra de Kien. Era evidente que entre as seis e um quarto e as sete, isto é, durante três quartos de hora, não fazia absolutamente nada.

Estaria a rezar, por acaso? Não, não acreditava nisso. Já ninguém reza. A ela, pelo menos, rezar não interessa; também não vai à igreja. Basta uma pessoa ver que tipo de gentalha frequenta a igreja. Gente da ralé, aquela que se junta lá! Aborrecia-a aquela eterna pedinchice. E uma pessoa tem de dar qualquer coisa porque toda a gente está a olhar. Se bem que ninguém saiba o que fazem com o dinheiro. Rezar em casa? Para quê? Isso é perder um tempo precioso. Uma pessoa decente não precisa dessas coisas. E ela sempre fora decente. Os outros não sabem fazer mais nada senão rezar. Ela queria saber o que se passa naquele compartimento entre as seis e um quarto e as sete horas. Não é que seja curiosa, ninguém pode acusá-la disso. Nunca se mete nos assuntos alheios. Agora as mulheres são assim: metem o nariz em toda a parte. Ela limita-se a trabalhar. O custo de vida aumenta todos os dias. As batatas já custam o dobro: é uma autêntica arte sobreviver com estes preços. O sujeito fecha à chave as quatro portas. Se não fosse assim, podia espreitá-lo do compartimento contíguo. Um homem que, de uma maneira geral, emprega tão bem o seu tempo e não desperdiça nem um minuto!

Durante os passeios de Kien, Teresa revistava as divisões que tinha a seu cargo. Suspeitava de algum vício oculto: de que género? Tinha de averiguar isso. Primeiro, imaginou o cadáver de uma mulher metido num baú. Contudo, não havendo espaço suficiente debaixo da carpete, renunciou a descobrir restos humanos mutilados. Nenhum armário corroborava as suas suspeitas: como teria gostado de ver um encostado a uma parede! O crime tinha de estar escondido atrás de um livro qualquer. Onde, se não fosse ali? Talvez tivesse satisfeito o seu sentido do dever passando o pano de limpeza apenas pelas lombadas, mas o segredo imoral cuja pista seguia obrigava-a a ver também por trás de cada volume. Tirava-os um por um, dava umas pancadinhas na capa para ver se soava a oco, estendia os dedos grosseiros e cheios de calos até tocarem no revestimento de madeira, apalpava-o e finalmente, abanando a cabeça descontente, tornava a arrumá-los. No entanto, a sua curiosidade nunca a fez transgredir o horário estabelecido. Cinco minutos antes de Kien abrir a porta, já ela se encontrava na cozinha. Com toda a calma, foi explorando, uma após

outra, todas as estantes, sem precipitações nem descuidos e sem perder totalmente a esperança.

Durante esses meses de pesquisas infatigáveis, absteve-se de ir depositar os seus salários na Caixa Económica. Não tocou nem num tostão: quem sabe quanto dinheiro seria! Guardava as notas, tal como lhe eram entregues, num sobrescrito impecável que ainda continha, intacto, todo o papel de carta com que o comprara há vinte anos. Superando graves escrúpulos, metera-o numa pequena mala que albergava todo o seu enxoval: um conjunto de peças bonitas e escolhidas pelas quais chegara a pagar muito dinheiro no decurso de vários anos.

Pouco a pouco, foi-se dando conta de que não era fácil dar com o mistério. Não interessava. Tinha tempo e podia esperar: não lhe ia fazer mal. Se no final descobrisse qualquer coisa, a culpa não seria sua. Tinha esgaravatado toda a biblioteca até ao canto mais recôndito. Se tivesse algum amigo de confiança na polícia, um homem sério e respeitável que levasse em conta a boa situação de que ela desfrutava, far-lhe-ia ver as coisas como devia ser. Oiça lá, ela tem muita paciência, mas se não há qualquer apoio... O que é que interessa às pessoas hoje em dia? Dançar, tomar banho, conversar; porém, nada de coisas sérias nem de trabalhar. O seu patrão, um homem sério, também tem o seu lado imoral. Nunca se deita antes da meia-noite, quando não há sono melhor do que o de antes dessa hora. As pessoas decentes deitam-se às nove. O que também nada tem de especial.

Desta maneira, o crime acabou por reduzir-se a um segredo. Uma capa de desprezo, grossa e teimosa, foi envolvendo o vício oculto. Contudo, a sua curiosidade continuou de pé; entre as seis e um quarto e as sete mantinha-se sempre à espreita. Contava com raras possibilidades, mas humanas ao fim e ao cabo. Talvez uma súbita cólica dos intestinos o obrigasse a sair do quarto. Ela correria então a perguntar-lhe o que desejava. As cólicas não passam assim de um momento para o outro. Em poucos minutos saberia a que ater-se. No entanto, a vida moderada e razoável que levava fazia Kien sentir-se maravilhosamente. Em oito anos de convivência com ele nunca o ouvira queixar-se de qualquer dor de barriga.

Na manhã que se seguiu ao encontro com o cego e respectivo cão, Kien sentiu uma necessidade urgente de consultar velhos tratados. Revolveu de cima a baixo as gavetas da secretária, nas quais tinha acumulado centenas de maços de papéis. Esboços, correcções, cópias: conservava cuidadosamente tudo quanto se relacionasse com o seu trabalho. Encontrou papéis cujo conteúdo estava ultrapassado e refutado. Aquele arquivo remontava aos seus tempos de estudante. Para procurar algum pormenor, que de resto sabia de memória, ou para fazer uma simples verificação, costumava perder horas inteiras. Lia trinta folhas quando apenas necessitava de uma linha. Uma trapalhada inútil e obsoleta foi-lhe passando pelas mãos. Soltou uma praga: que fazia ali tudo aquilo? No entanto, ao tropeçar com qualquer coisa impressa ou manuscrita, os seus olhos não podiam ignorá-la. Outra pessoa teria renunciado a uma leitura tão exaustiva. Ele persistiu da primeira à última palavra. A tinta tinha-se desvanecido; custava-lhe seguir os seus fracos contornos. Recordou-se do cego da rua. Viu-o brincar com os olhos como se eles tivessem de permanecer abertos por toda a eternidade. Em vez de moderar os seus esforços, aumentava-os sem piedade de mês para mês. Cada papel que ordenasse custava-lhe umas linhas de potência visual. Os cães vivem pouco tempo e não lêem, por isso ajudam os cegos com os seus olhos. Um homem que malbarata a sua vista merece um cão para o guiar.

Kien decidiu deitar fora aquele lixo da secretária na manhã seguinte, quando se levantasse, porquanto agora estava a trabalhar.

No dia seguinte, às seis em ponto, estando ainda no meio de um sonho, levantou-se bruscamente do divã, lançou-se sobre o colosso atravancado e abriu com força todas as gavetas. A campainha do alarme propagou a sua estridência através de toda a biblioteca, convertendo-se num alarido dilacerante. Era como se cada gaveta tivesse uma garganta própria e tentasse pedir auxílio em voz mais alta que as outras. Alguém estava a roubá-las, a torturá-las, a tirar-lhes a vida. Não podiam saber quem era o agressor. Faltavam-lhes olhos; o seu único órgão era aquela voz estridente. Kien reviu os papéis e isso levou-lhe bastante tempo. Sobrepôs-se ao ruído. Quando começava qualquer coisa, acabava-a. Com uma quantidade enorme de maços de

papéis nos seus magros braços, alcançou em meia dúzia de largas passadas o quarto compartimento. Aí, a uma distância prudente do silvo, foi-os rasgando um por um entre pragas e blasfémias. Alguém bateu à porta; rilhou os dentes. Voltaram a bater; ele pateou com indignação. Os batimentos na porta converteram-se num martelar contínuo. — Silêncio! — ordenou, soltando uma praga. Teria preferido fazer menos escândalo. Contudo, os seus manuscritos também o afligiam. Apenas a raiva lhe deu coragem para os destruir. E no fim, ficou ali, no meio de uma montanha de papéis destruídos, como um marabu solitário e pernalto. Presa de timidez e de desconcerto, apalpava-os e lamentava-os em voz baixa como se fossem seres vivos. Depois estendeu com precaução uma perna para não lhes fazer mal. Assim que teve o cemitério pelas costas, respirou fundo. À porta deparou com a governanta. Com um gesto fatigado apontou-lhe o montão de destroços e ordenou: — Tire-me isso daqui! — O silvo calara-se. Kien voltou para junto da secretária e fechou as gavetas, que permaneceram mudas. Tinha-as aberto com demasiada violência. O mecanismo estava estragado.

Quando o barulho começara, Teresa estava a vestir a saia engomada com que concluía a sua *toillete*. Aterrorizada, apertou a saia como pôde e deslizou velozmente até à porta do escritório. — Santo Deus! — exclamou em voz aflautada. — Que aconteceu? — Primeiro bateu com timidez, depois com mais força. Como não obtivesse resposta, tentou abrir a porta. Em vão. Imediatamente correu de porta em porta e, ao chegar ao último compartimento, ouviu as pragas proferidas por Kien. Então bateu com toda a força dos seus punhos. — Silêncio! — gritou ele, cheio de fúria: nunca o tinha visto assim. Entre raivosa e resignada, deixou cair as duras mãos sobre a saia tesa e ficou imóvel como uma estátua de madeira. — Que desgraça! Que desgraça! — murmurou e, mais por hábito do que por qualquer outro motivo, não se mexeu até que a porta lhe foi aberta.

Ainda que lenta por natureza, entreviu imediatamente a oportunidade que lhe era oferecida. A muito custo respondeu «é para já» e dirigiu-se, sempre a deslizar, para a cozinha. Já no umbral da porta pensou: «Meu Deus, agora vai voltar a fechar-se! O que pode o hábito! De certeza que acontecerá qualquer coisa no último instante!

Misantropo, solitário, excêntrico, Peter Kien, erudito especialista em sinologia, é o proprietário da maior biblioteca da cidade, que ocupa todo o espaço do seu apartamento. É aqui que este ser extremo, inteiramente «composto de livros», se refugia, evitando todo e qualquer contacto com o mundo. O ponto de viragem da sua vida é o casamento com Teresa, a sua governanta, ignorante e ávida. Expulso da sua própria casa, Kien será então obrigado a travar conhecimento com as suas inúmeras personagens, que o acompanharão neste longo exílio. Figuras sombrias, medíocres, grotescas e memoráveis, como o anão Fischerle e a prostituta, sua mulher, ou o brutal porteiro Pfaff, pela mão das quais Kien descerá pouco a pouco ao inferno, apressando o passo para um final sublime e trágico: um verdadeiro auto-de-fé.

Escrito no final do primeiro vinténio do século XX, retrato de uma sociedade em desintegração, *Auto-de-Fé* é o primeiro e único romance de Elias Canetti. Obra magistral, verdadeira «Comédia Humana da loucura», catapultou este escritor de génio forte e individual para a categoria dos principais autores europeus, ao lado de Robert Musil, Hermann Broch e Karl Kraus. Proibido pelo regime nazi quando da sua publicação, é hoje considerado um dos livros fundamentais da Literatura.

«O tom de comédia desprovido de remorsos ajuda a construir um dos mundos mais envolventes do século XX.»
Salman Rushdie

«Obra-prima de ficção narrativa de um enorme e inclassificável escritor de língua alemã.»
António Guerreiro, *Público*

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
cavalodeferro
penguinlivros
ISBN 9789897871061